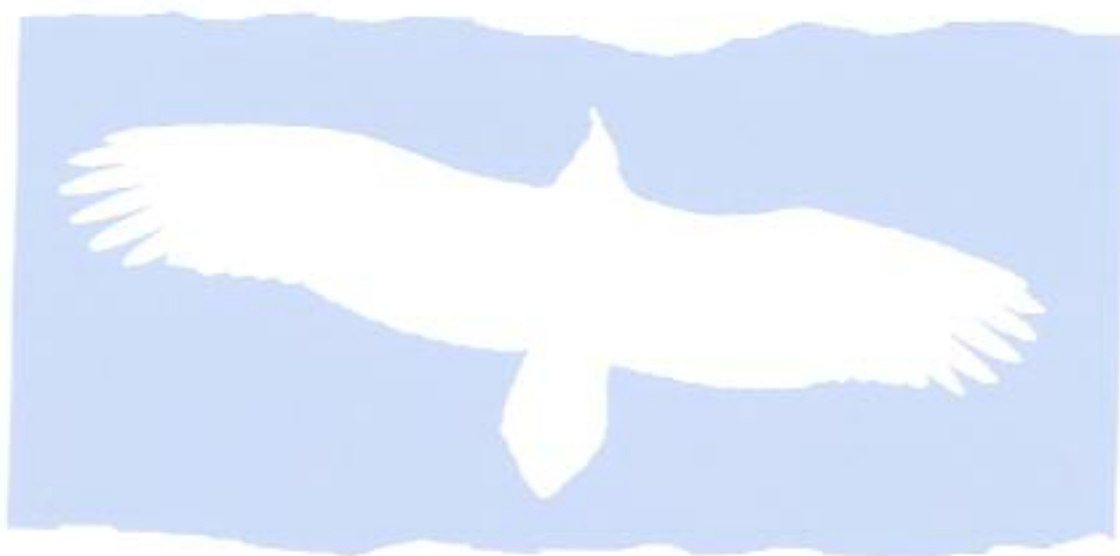


# Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco

---

RELATÓRIO TÉCNICO 2004



centro de estudos e recuperação de  
animais selvagens de castelo branco

Uma parceria de:



Apoio:



**Ficha Técnica:**

Créditos fotográficos: Samuel Infante

Redação: Samuel Infante e Madalena Martins

Edição: QUERCUS A.N.C.N. & NEESA

Castelo Branco - Julho de 2005

**CERAS**- Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco

Quinta da Sr. De Mercurês 6000 Castelo Branco - Portugal

Tel. (00351) 272339900 extensão (4437) Fax . (00351) 272328881

**QUERCUS- Castelo Branco**

Travessa da Ferradura nº 14 , 1º frente , 600-293 Castelo Branco –Portugal

Tel./Fax. (00351) 272324272 [quercus\\_cb@sapo.pt](mailto:quercus_cb@sapo.pt) [www.quercus.pt](http://www.quercus.pt)

## ÍNDICE

Resumo	
1.Introdução.....	6
2.Recursos Humanos.....	7
3.Tratamento dos animais.....	8
4.Instalações.....	10
5.Resultados.....	11
5.1.Evolução anual.....	11
5.2.Entidades que encaminham animais para o CERAS.....	11
5.3.Entradas de animais.....	12
5.4.Entradas ao longo do ano.....	12
5.5.Causas de entrada.....	13
5.5.1.Colisão.....	14
5.5.2.Queda de ninho.....	14
5.5.3.Cativeiro ilegal.....	14
5.5.4.Causas naturais.....	15
5.5.5.Tiro.....	15
5.5.6.Envenenamento.....	15
5.5.7.Electrocussão.....	15
6.Espécies que entraram no CERAS em 2004.....	16
6.1. Causas de ingresso – análise por espécies mais frequentes.....	17
6.2. Estatuto de conservação das espécies.....	20
7.Resultados da recuperação.....	21
8.Formação.....	22
9.Educação Ambiental.....	23
10.Parcerias com outros projectos.....	24
11.Referências Bibliográficas.....	26
Anexos	

## Resumo

O Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco tem as suas instalações na Quinta da Sra. de Mercoles da Escola Superior Agrária. O projecto nasceu em 1999 e tem como objectivo principal a reabilitação dos animais selvagens que são encaminhados para o Centro e o retorno destes animais ao seu habitat natural.

O trabalho do centro é desenvolvido por voluntários, alunos do Instituto Politécnico de Castelo Branco e do Serviço Voluntariado Europeu contando ainda com a colaboração de dois veterinários.

Sempre que chega um novo animal ao centro é-lhe atribuído um tratamento que varia em função das suas características, tendo em consideração que o animal deve permanecer o menor tempo possível nas instalações do centro.

As instalações estão direccionadas para a classe das aves uma vez que, desde o início da sua actividade, constitui um número de entradas no Centro superior a 90%.

Durante o ano existem oscilações em relação à quantidade de ingressos, denotando-se um pico de entradas durante o período de reprodução e outro no início da época venatória. As entidades que encaminham os animais para o CERAS são principalmente funcionários das áreas protegidas do ICN, particulares e agentes do SEPNA.

As causas principais pelas quais os animais ingressam nos centros estão quase sempre relacionadas com factores humanos, quer seja por cativo ilegal, atropelamento, tiro ou pilhagem de ninhos.

Mas o trabalho do centro não se resume à recuperação de fauna, sempre que possível são desenvolvidas sessões de formação para os voluntários e acções de educação ambiental. As libertações dos animais recuperados no CERAS são acompanhadas por grupos de alunos aos quais é apresentado o Centro e a (s) espécie (s) a ser libertada (s) tentando-se sempre despertar a curiosidade dos jovens para as questões ambientais. Além das actividades já mencionadas o Centro colabora com outras entidades e projectos ao fornecer material e ao facultar serviços.

## **Agradecimentos**

Este relatório reflecte o trabalho, dedicação e o entusiasmo de muitos voluntários sem o esforço dos quais seria impossível continuar este projecto, destacamos alguns destes colaboradores assíduos; Ana Barreira, Blanca Perez, Blas Garcia, Carla Pereira, Célia Dias, Cláudia Silva, Fernando Queiroz, Janna Calle, Jorge Antunes, João Costa, Luís Quinta Nova, Mark Pinfield, Mathias Minke , Paulo Jacinto, Ricardo Brandão, Rita Alves, Rita Esteves, Sandra Vieira e Tiago Caldeira .

Deixamos uma palavra de apreço para todos aqueles que colaboraram connosco através do apadrinhamento de animais e às empresas e entidades cujo apoio foi fundamental para o bom funcionamento do Centro, das quais destacamos a PLASTIDOM, Peixaria Irene, Peixaria Preço Fixe, Farmácia Grave e Aviário de Santa Cita.

A todos os que, de forma anónima, contribuíram e contribuem para este projecto, um grande bem-haja.

## **1. Introdução**

O Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco (CERAS) é um projecto conjunto da Quercus Associação Nacional de Conservação da Natureza com o NEESA (Núcleo de Ecologia da Escola Superior Agrária de Castelo Branco). Começou a funcionar em 1999 e está instalado na Escola Superior Agrária de Castelo Branco.

O objectivo principal deste centro é a recepção de animais selvagens debilitados, sua recuperação e devolução ao meio natural. A recuperação dos animais tem como finalidade última contribuir para a conservação da Natureza, sendo dada prioridade a animais de espécies consideradas ameaçadas. Poderão também ser realizados, paralelamente, estudos relativos à biologia das espécies, acções de educação ambiental e acções de formação, sempre que estas actividades não interfiram com o processo de recuperação dos animais.

O funcionamento deste centro tem sido assegurado por voluntários, alunos da Escola Superior Agrária de Castelo Branco e jovens do Serviço de Voluntariado Europeu e estagiários do Programa Leonardo da Vinci.

Com este relatório pretende apresentar-se os resultados obtidos na recuperação dos animais que ingressaram no CERAS, assim como as actividades desenvolvidas e as parcerias estabelecidas ao longo do ano de 2004.

## 2. Recursos humanos

Um dos princípios pilares para o bom funcionamento do Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco é o voluntariado. É nele que encontramos pessoas que dedicam o seu tempo e o seu esforço para que os animais que ingressam no CERAS recuperem e possam ser devolvidos ao seu habitat natural.

Os voluntários que colaboram com o CERAS formam parte dos diferentes grupos de trabalho, em função da sua disponibilidade e formação. Assim, vão adquirindo uma formação contínua e específica, podendo também contribuir com novas ideias para uma melhoria do funcionamento do centro e para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

No ano de 2004 foram desenvolvidos no CERAS 2 estágios profissionais, 3 estágios do programa Leonardo da Vinci e 4 voluntariados do Serviço de Voluntariado Europeu. Contou-se com a participação de 2 biólogos, 1 veterinário e 1 Eng.º de ordenamento dos recursos naturais e formaram-se os grupos de trabalho apresentados na tabela seguinte.

Tabela 1 – Grupos de trabalho e respectivas funções.

<b>Grupos de trabalho</b>	<b>Funções</b>
<b>Alimentação</b>	Controlo e acompanhamento da dieta alimentar de cada animal e controlo do estado das instalações.
<b>Biotério</b>	Garantir alimento vivo aos animais ingressados no centro sempre que necessário.
<b>Manutenção de instalações</b>	Cuidado de todas as instalações do centro: limpeza, desinfeção, pequenas reparações.
<b>Tratamento</b>	Garantir o adequado tratamento veterinário.
<b>Libertação, marcação e seguimento</b>	Garantir que cada indivíduo recuperado seja libertado em condições que garantam a sua sobrevivência. Avaliação do local mais adequado para a sua libertação, de acordo com as necessidades da espécie. Marcação e Anilhagem dos animais.
<b>Educação ambiental</b>	Sensibilizar a população para a problemática da conservação das espécies.
<b>Divulgação e relações externas</b>	Promoção do centro e captação de recursos e voluntários.
<b>Plumoteca</b>	Criação de uma plumoteca digital.
<b>Parasitas</b>	Diagnóstico de doenças parasitárias mediante exames coprológicos e hematológicos em animais vivos e mortos.
<b>Identificação da idade e do sexo em rapinas</b>	Criação dum arquivo fotográfico a partir de fotografias de penas e asas completas dos animais que passaram pelo CERAS.

### **3. Tratamento dos animais**

Qualquer que seja o procedimento a ter com os animais que são encaminhadas para os centros, estas actuações têm como objectivo principal facilitar a readaptação ao meio e, se for o caso, facilitar a aprendizagem ou reaprendizagem de técnicas de caça.

É importante estabelecer um protocolo de reabilitação apropriado às características fisiológicas e comportamentais da espécie, tendo em conta o tipo de lesão diagnosticada.

O tratamento atribuído a cada animal varia em função da idade, do estado físico e da espécie em causa e supõe que o animal permaneça o menor tempo possível nas instalações do centro.

#### **3.1. Primeiros socorros**

Quando um animal chega ao centro de recuperação leva-se a cabo um diagnóstico através do qual é observado o seu estado físico e grau de hidratação.

Após esta primeira observação é preenchida uma ficha onde ficam registados todos os dados relativos à ave, tais como: o local onde foi encontrada, o comportamento no momento da recolha e a possível causa de ingresso. Após os primeiros socorros, se o animal necessitar de tratamentos veterinários, é preenchida uma ficha médica onde é registada diariamente a sua evolução.

Em casos de maior gravidade ou que requeiram algum tipo de intervenção cirúrgica ou exames complementares o animal é enviado para uma clínica veterinária onde existem as condições necessárias para o tratamento deste tipo de lesão.

#### **3.2. Reabilitação**

O animal é colocado em quarentena se necessitar de restrição de movimentos ou ser manipulado diariamente para tratamentos.

Posteriormente o animal é instalado nas câmaras de recuperação ou de muda o que a ajuda a recuperar do stress ou das lesões, assim como a readquirir o seu peso



normal. Estas instalações servem também para dar tempo à ave para mudar as penas caso estas estejam quebradas ou arrancadas.

Após este tratamento, as aves passam para o túnel de voo, que é o local onde estas irão exercitar as técnicas básicas para a sua sobrevivência, tais como o voo e a caça. Nestes túneis são fornecidas presas vivas para que as aves possam exercitar as técnicas de caça.

### **3.3. Marcação**

Todas as aves, antes de serem libertadas, são marcadas com uma anilha CEMPA metálica numa das patas. Esta marcação permite que, no caso do indivíduo voltar a ser capturado, possa ser identificado pela numeração inscrita na anilha.

Em algumas aves é efectuada uma marcação adicional visível à distância como podem ser anilhas de cor em PVC ou pintura de penas, para posterior identificação no campo sem recurso à captura da ave. Em alguns indivíduos pode ser especialmente importante realizar um seguimento preciso após a sua libertação, pelo que seria ideal a colocação de emissores para seguimento por telemetria ou satélite. Todos estes métodos de marcação permitem avaliar o grau de sucesso da recuperação e recolher informação sobre os comportamentos e hábitos das espécies em causa, infelizmente, a marcação e seguimento com emissores resulta cara e requer o esforço coordenado de muitas pessoas já que, para obter resultados úteis, não é suficiente com fazê-lo num indivíduo isolado, e há que conhecer no mínimo o estado do resto da população local.

Actualmente os mamíferos libertados não foram objecto de nenhum esquema de marcação.

### **3.4. Libertação**

Assim que o animal estiver recuperado procede-se à sua libertação. Nesta fase a ave deve apresentar uma perfeita recuperação das feridas ou doenças, capacidade de se adaptar às condições do meio ambiente, deve ser capaz de reconhecer ou saber obter alimento, fugir ou defender-se de predadores, encontrar refúgio, adquirir e definir territórios e efectuar uma normal socialização com exemplares da mesma espécie.

Depois de recuperado no nosso centro, o animal é preferencialmente libertado no local onde foi encontrado. No entanto, caso se trate de uma espécie migratória ou de

juvenis o procedimento é diferente, procurando-se o habitat mais adequado e a época do ano mais propícia para libertar os animais.

Nas acções de libertação tentamos que na maioria dos casos participem grupos de crianças, jovens e alguns sectores da sociedade, directamente relacionados com as causas de entrada dos animais no centro, nomeadamente caçadores, agricultores, etc. Nestas iniciativas tentamos despertar o interesse para as questões relacionadas com a conservação da fauna e seus habitats.

#### **4. Instalações**

As instalações do centro estão maioritariamente direccionadas para as aves, uma vez que este grupo faunístico é o que mais frequentemente dá entrada no CERAS.

Actualmente o CERAS possui as seguintes infra-estruturas:

- Enfermaria - local onde se efectuam os tratamentos aos animais.
- Quarentena - onde são colocados os animais, em observação ou tratamento, que necessitem de isolamento ou restrição de movimentos.
- Quatro câmaras de recuperação – que se destinam aos animais após saída da quarentena e antes da passagem para as câmaras de muda.
- Quatro câmaras de muda - que se destinam a animais em recuperação que apresentem problemas de plumagem ou que estejam a recuperar de lesões, fracturas ou outros problemas clínicos mas que não necessitem de imobilização.
- Três túneis de voo - instalações dirigidas às aves que necessitem de exercitar o voo e a caça. É o local onde é realizado o último teste às capacidades do animal antes de ser libertado.
- Biotério - local destinado à criação e manutenção de presas vivas para alimentação dos animais. O recurso a alimento vivo é importante, principalmente na fase pré-libertação para que os animais tenham uma alimentação o mais próximo possível do natural.
- Escritório – local para apoio administrativo ao centro com uma pequena biblioteca material informático, telefone e arquivos do centro
- Arrecadação – local onde são armazenados diversos equipamentos e ferramentas de apoio ao funcionamento do centro

## 5. Resultados

### 5.1. Evolução anual

Nos últimos anos o número de animais que dá entrada no Centro tem aumentado significativamente, tendo-se observado um aumento superior a 50% em 2003 (fig.1). Em 2004 a tendência crescente manteve-se e tudo indica que este crescimento irá continuar nos próximos anos. O aumento do número de entradas está relacionado com a existência de um maior número de áreas protegidas a encaminharem os animais para o Centro, com as campanhas de divulgação e sensibilização que têm sido feitas junto das escolas e população em geral, e ainda com a criação do Serviço de Protecção da Natureza e Ambiente (SEPNA) da GNR.

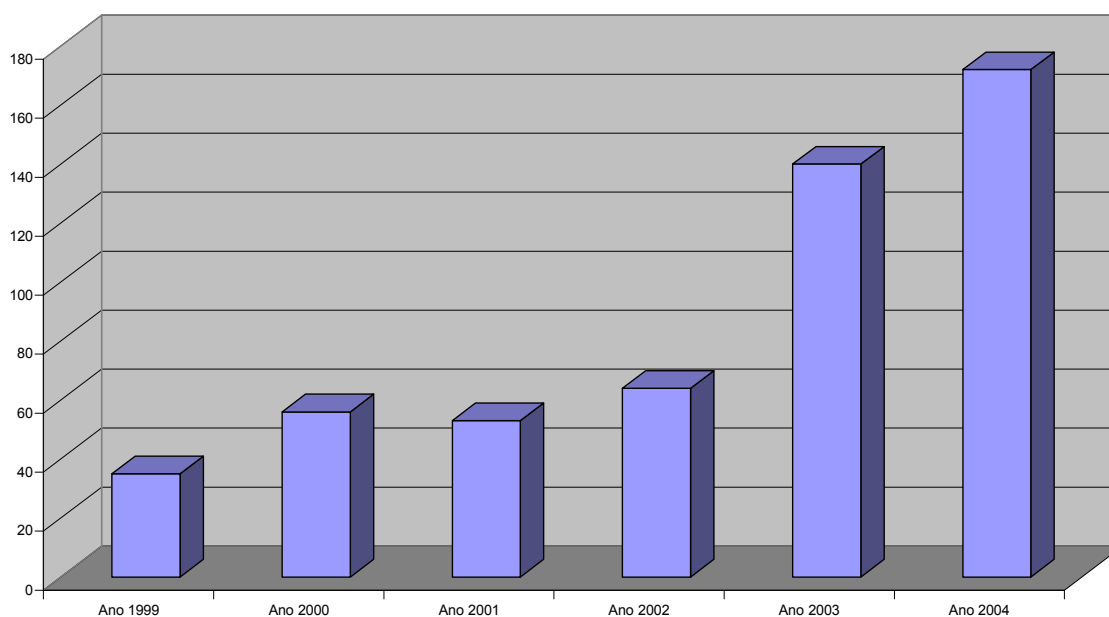


fig. 1- Evolução do número de animais ingressados no CERAS.

### 5.2. Entidades que encaminham os animais para o CERAS

Grande parte dos animais que dão entrada no centro são encaminhados através das áreas protegidas do ICN (Instituto de Conservação da Natureza) e particulares. Destacamos também a colaboração do SEPNA e a articulação com outros centros de recuperação através do envio e recepção de animais, nomeadamente do Centro de Recuperação do Parque Nacional da Peneda-Gerês e do Centro de Recuperação de Animais Selvagens de St. André.

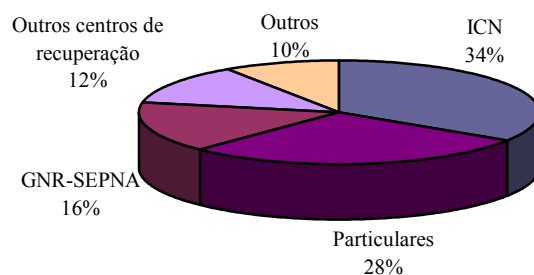


Fig. 2- Entidades que entregaram animais no CERAS em 2004.

### 5.3. Número de entradas

Ao longo do ano de 2004 deram entrada no centro 182 animais, pertencentes a 35 espécies distintas, maioritariamente à classe das aves (fig. 5), como já vem sendo habitual desde o início do funcionamento do CERAS. Este facto é justificável uma vez que, estes animais, quando debilitados, são mais facilmente capturados que os mamíferos, que são mais discretos e esquivos. Uma outra razão prende-se com o facto de as aves serem globalmente mais susceptíveis aos factores de ameaça que justificam a entrada de animais nos centros de recuperação.

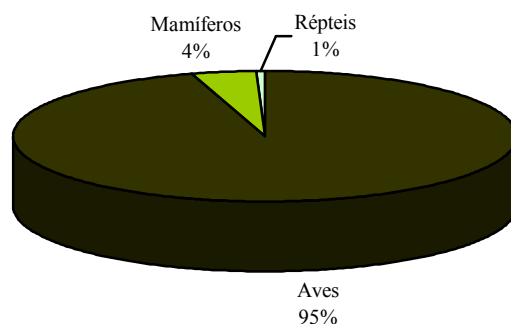


fig. 3- Classes de animais que dão entrada no Centro.

### 5.4. Entradas ao longo do ano

A entrada de animais no centro ao longo do ano não é constante, observando-se uma maior afluência desde o final da Primavera até meados do Verão, entre os meses de Maio e Julho. O elevado número de entradas de crias e juvenis, nesta altura do ano, é justificada pelo facto de se tratar da época de cria para a maior parte das aves. Há um outro pico, correspondente ao mês de Outubro, que está relacionado com a época venatória o que incrementa o número de animais feridos com armas de fogo.

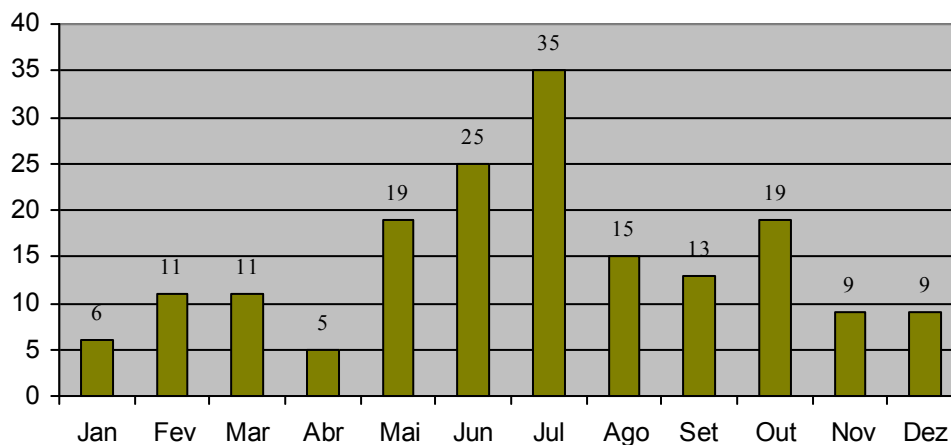


fig. 4- Distribuição do número entradas ao longo do ano.

### 5.5. Causas de entrada

No ano de 2004 aumentou significativamente a percentagem de aves com entrada no CERAS sem causa conhecida (30%), em comparação com anos anteriores (2002 com 18% e 2003 com 13%). Não encontramos uma explicação para este aumento, mas provavelmente estará relacionado com a falta de dados recolhidos na altura da captura dos animais. No gráfico seguinte apresentam-se as principais causas de entrada em 2004.

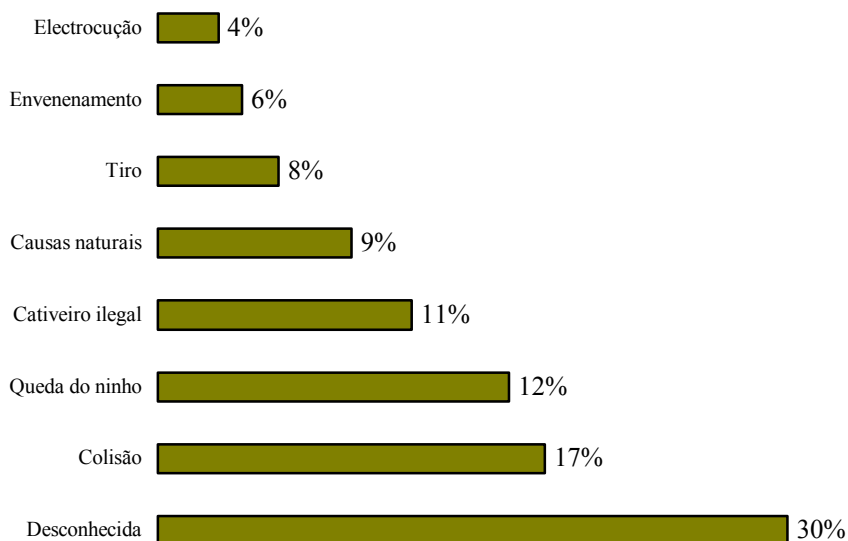


fig. 5- Causas de entrada em 2004.

### 5.5.1. Colisão

A colisão com linhas eléctricas, automóveis (incluindo atropelamento), edifícios e cercas é uma importante causa de entrada no CERAS, mesmo quando não ocasiona a morte, pode provocar lesões graves, que requerem, em muitos casos, uma intervenção cirúrgica e um grande período de reabilitação. Os fios eléctricos constituem uma das causas mais frequentes de colisão entre aves de maior envergadura. Entre as aves nocturnas os casos de colisão ocorrem com os veículos que circulam nas estradas.

### 5.5.2. Queda do ninho

As crias caem do ninho durante as primeiras tentativas de voo pelo facto dos seus músculos das asas ainda não estarem suficientemente desenvolvidos, apesar da sua plumagem estar completa. Na maior parte das vezes, os progenitores continuam a alimentar as crias, mesmo estando estas fora do ninho. Como apresentam um aspecto indefeso, as pessoas recolhem-nas, supondo que estão abandonadas. Colocá-las num local seguro e escondido, perto do sítio onde são encontrados, é o suficiente para assegurar a sua sobrevivência.

### 5.5.3. Cativoiro ilegal

Este é o motivo pelo qual surgem mais casos de indivíduos irrecuperáveis. As aves provenientes do cativoiro são as mais difíceis de recuperar. Na maioria dos casos fisicamente estão bem e alimentam-se correctamente, tendo, no entanto, um comportamento atípico, uma vez que não temem o Homem e teriam dificuldade em obter alimento no seu meio natural e em reproduzir-se. Não sabem viver no seu habitat natural, apesar de aparentemente se encontrarem aptas. Contudo alguns destes casos em que as aves apesar de terem permanecido algum tempo em cativoiro não sofreram o processo de impregnação e têm hipótese de ser recuperadas passando por um período bastante longo nas instalações do centro, numa área com presença humana mínima, e sempre que possível com outros exemplares da mesma espécie a fim de aprenderem a procurar o seu alimento e desenvolverem comportamentos típicos para a sua espécie.

#### 5.5.4. Causas naturais

Algumas aves chegam ao centro sub nutridas e desidratadas. Uma alimentação adequada e o descanso necessário poderão ser suficientes para que a ave possa regressar ao seu meio natural em pouco tempo.

#### 5.5.5. Tiro

Esta causa de entrada está associada ao comportamento ilegal e incorrecto de determinados caçadores que disparam sobre espécies não cinegéticas. As aves vítimas de tiro geralmente têm que ser sujeitas a uma cirurgia e têm que se submeter a um período de recuperação longo. Na maioria dos casos, estas aves são irrecuperáveis.

#### 5.5.6. Envenenamento

O controlo ilegal dos predadores, realizado por parte de zonas de caça e pastores, é muitas vezes efectuado através da colocação de iscos envenenados. Este método não é selectivo, provocando a intoxicação de um elevado número de espécies com hábitos alimentares necrófagos. Podem ocorrer também situações acidentais de intoxicação tais como ingestão de alimentos contaminados (aterro sanitário, desratizações, controlo de pragas, isenceticidas, etc. ) ou águas contaminadas química ou biologicamente.

#### 5.5.7. Electrocussão

As aves utilizam frequentemente os postes das linhas eléctricas como locais de repouso, observação e nidificação. Em alguns tipos de poste há uma maior possibilidade de contacto da ave com o fio eléctrico, o que poderá provocar a electrocussão. Um dos indícios deste facto é a presença de queimaduras nas asas e nas patas.

## 6. Espécies que entraram no centro

No caso das aves, as rapinas diurnas são a ordem mais representativa, correspondendo a 40% do número de aves que deram entrada no centro. As cegonhas e as garças representam 22% das entradas e as rapinas nocturnas 21%. Em anexo encontra-se uma tabela onde estão descritas todas as espécies que deram entrada no Centro durante este ano (anexo I).

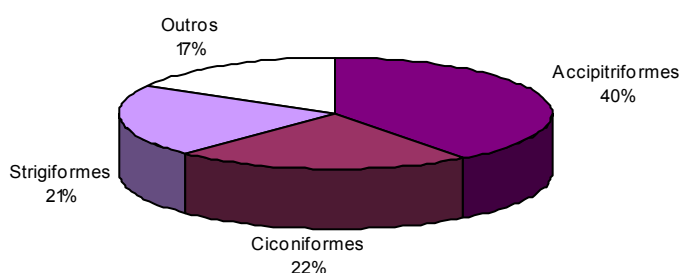


fig. 6- Animais que ingressaram no Centro (por ordem).

Através da análise da figura 7 constatamos que 53% do número de entradas correspondem a apenas 4 espécies: cegonha-branca (*Ciconia ciconia*), grifo (*Gyps fulvus*), águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) e mocho-galego (*Athene noctua*). Tratam-se de espécies com elevado número de efectivos a nível regional. As restantes entradas dizem respeito a 31 espécies diferentes.

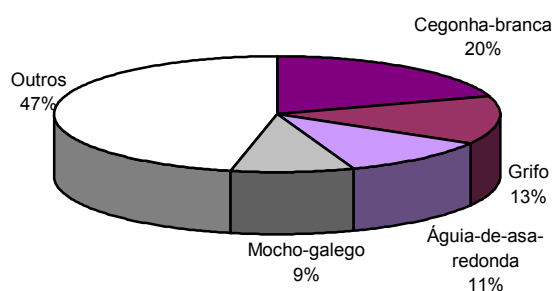


fig. 7- Espécies que dão entrada no Centro em maior número.



### 6.1.Causas de ingresso – análise por espécies mais frequentes

Em relação as seis espécies mais frequentes que deram entrada no CERAS em 2004 optamos for fazer uma análise das causas de entrada por cada uma destas espécies (ver figura nº 8).

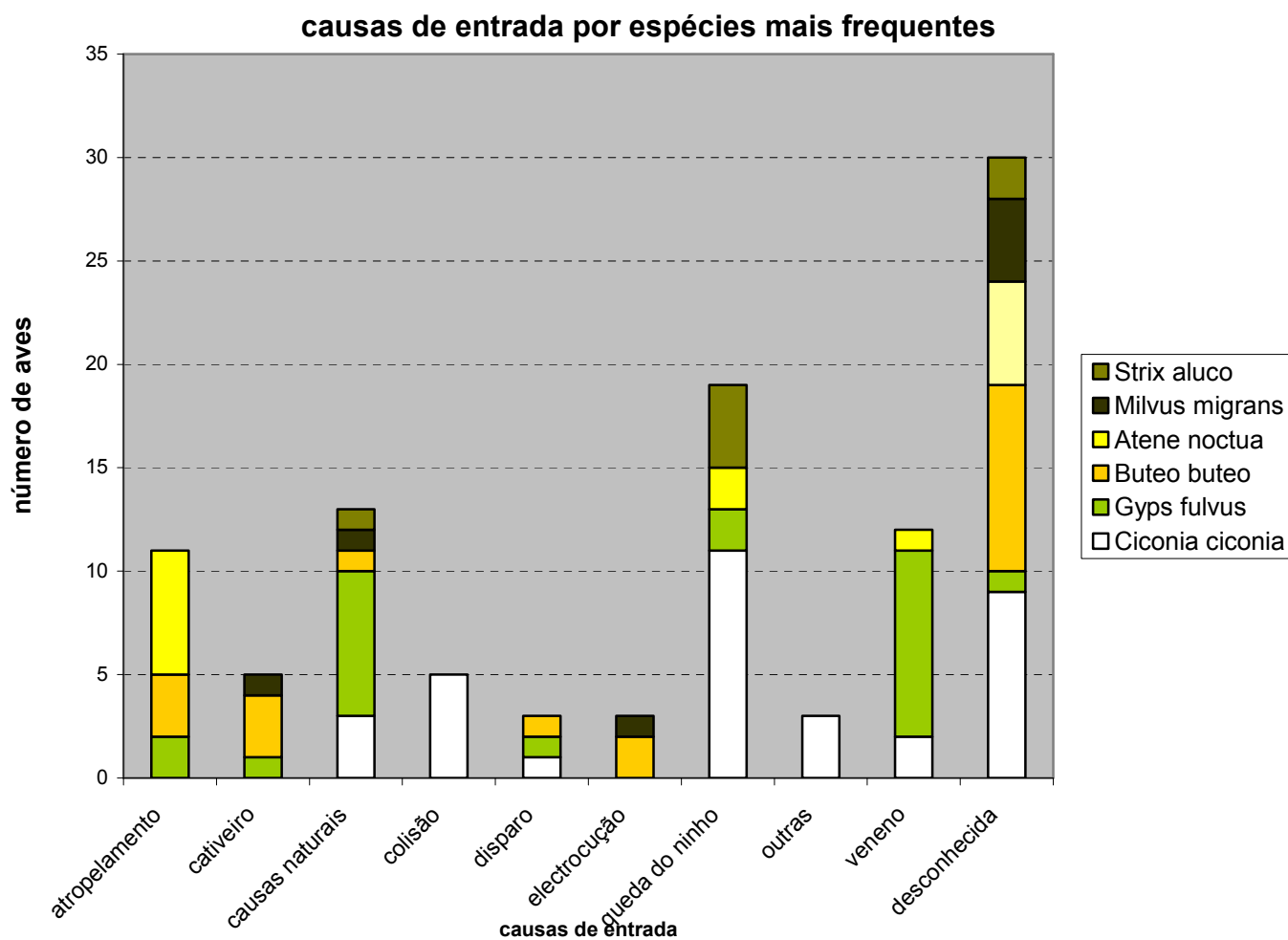


fig. 8- Espécies que dão entrada no Centro em maior número.

Cegonha Branca (*Ciconia*)

Relativamente à cegonha branca a causa principal de entrada é a queda do ninho, principalmente na fase em que iniciam as primeiras tentativas de voo, seguida da colisão com infra-estruturas, linhas eléctricas e edifícios. As causas naturais e o envenenamento foram também motivo de entrada no centro. Nas causas naturais incluem-se a debilidade e doenças. Em relação ao envenenamento os casos estão relacionados com os hábitos alimentares no aterro sanitário de Castelo Branco e a ingestão de água contaminada. O tiro, apesar de ter diminuído nos últimos anos, ainda persiste como causa de entrada para esta espécie, com apenas um caso registado. No que diz respeito aos ingressos no centro eles ocorreram durante todo o ano (ver figura 9) e deve-se à ocorrência desta espécie durante todo o ano, não efectuando a migração para África, fenómeno este que têm crescido nos últimos anos.

#### Grifo (*Gyps fulvus*)

No caso do grifo, verifica-se que a maior causa de entrada foi o envenenamento. As espécies necrófagas são infelizmente as vítimas mais frequentes do uso ilegal de venenos (Brandão et.al 2003) usado em algumas zonas de caça para controlo ilegal de predadores quer por alguns sectores agrícolas e da criação de gado para controlo de cães assilvestrados . As causas naturais devidas a desidratação e subnutrição, correspondem ao principal motivo de entrada, essencialmente de indivíduos jovens. Ocorreu um caso de atropelamento atípico para esta espécie no IP5 no concelho da Guarda provavelmente associado à fadiga da ave.

As entradas desta espécie (ver figura 9) ocorreram em três semestres, no primeiro relacionado com o uso de venenos na primavera para o controle de predadores, no terceiro semestre com saída de juvenis dos ninhos e no último com o início da actividade cinegética.

#### Águia de asa redonda (*Buteo buteo*)

A principal causa de ingresso da águia-de-asa-redonda foi o cativoiro, causa motivada pelo fascínio que as aves de rapina diurnas suscitam na população em geral o que implica, por vezes, a captura e detenção ilegal dos indivíduos desta espécie, seguida do atropelamento. A electrocussão em apoios da rede eléctrica de média tensão foi a terceira causa de entrada, alguns autores (Infante S. et al.) referem esta espécie como fortemente afectada por este fenómeno tendo sido a 3 espécie mais afectada num estudo a nível nacional sobre esta problemática. A sua abundância a nível nacional e os seus

hábitos de caça a partir de um poiso poderiam explicar este fenómeno. No que diz respeito à sua entrada no centro (ver figura 9) ela ocorre durante todo o ano, que estará relacionada com o carácter de residente desta espécie.

#### Mocho Galego (*Athene noctua*)

Quanto ao mocho-galego a colisão com automóveis é o principal factor que justifica a entrada desta espécie no CERAS, este facto está associado à utilização das estradas como locais de caça. A segunda causa de entrada, queda do ninho, esta relacionada com a saída precoce dos ninhos nos strigirifomes. Como se pode ver pela figura 9 foi no segundo e terceiro trimestre que esta espécie ingressou no centro, coincidindo com o período de dispersão de juvenis. Foi registado também um episódio de envenenamento relacionado com a ingestão de ratos envenenados numa quinta onde se procedeu a uma acção de controle de roedores com recurso a um produto comercial legal.

#### Milhafre Negro (*Milvus migvrans*)

As causas conhecidas para esta espécie foram semelhantes as descritas para a Águia de Asa redonda e para a generalidade das aves de rapina que entraram no centro. O cativoiro, a electrocussão, causas naturais e a electrocussão, pois as características biológicas e morfológicas são semelhantes. As entradas desta espécie ocorreram essencialmente no segundo semestre, coincidindo com o período reprodutor e o início da migração para esta espécie.

#### Coruja do Mato (*Strix aluco*)

As causas naturais, subnutrição e desidratação em juvenis e a queda de ninho são as causas principais para esta espécie. Na figura 9 podemos ver que é no trimestre de Abril a Junho que esta espécie ingressou mais no centro, coincidindo com o fim do período de reprodução desta espécie.

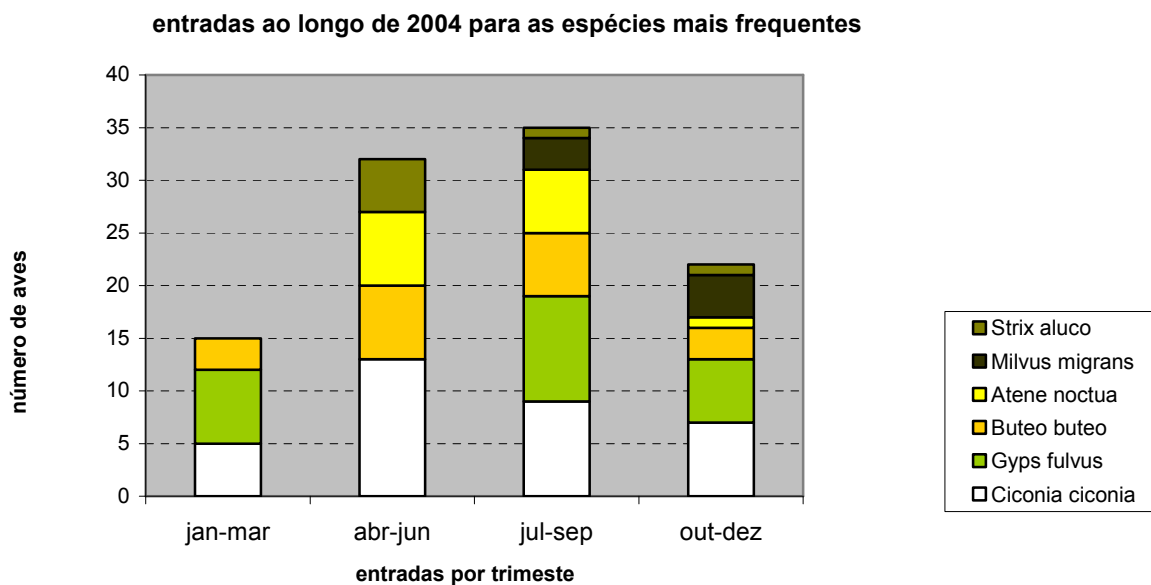


Fig. 9-Entradas por trimestre das espécies mais frequentes em 2004.

## 6.2. Estatuto de conservação das espécies

De todos os animais que deram entrada no centro durante o ano de 2004 há a salientar 40 indivíduos pertencentes a 8 espécies ameaçadas, 3 “Em perigo” (*Aegypius monachus*, *Ardea purpurea*, *Hieraaetus fasciatus*) e 5 “Vulneráveis” (*Accipiter gentilis*, *Bubo bubo*, *Burhinus oediconemus*, *Falco naumanni*, *Gyps fulvus*), segundo a versão preliminar do novo livro vermelho dos vertebrados.

A recuperação de qualquer exemplar destas espécies ameaçadas é um contributo para a conservação da sua população, contudo o papel dos centros de recuperação é mais importante do que a recuperação de alguns espécimes, mesmo que de espécies ameaçadas, pois são uma ferramenta que nos permite obter informações sobre os factores de ameaça as populações de fauna selvagem, como estes evoluem, podendo assim os esforços de conservação ser dirigidos para os factores que as ameaçam.

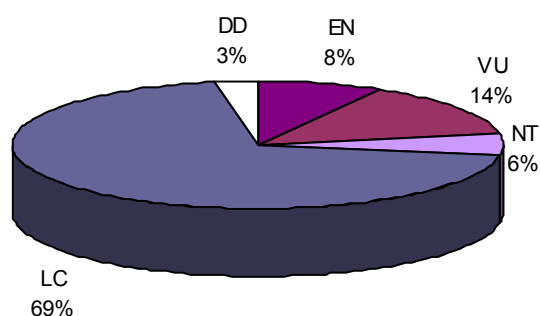


Fig. 9- Estatuto de conservação das espécies que deram entrada no centro em 2004. EN- em perigo (endangered); VU- vulnerável (vulnerable); NT- quase ameaçado (near threat); LC-pouco preocupante (least concern); DD- informação insuficiente (data deficient).

## 7. Resultados de recuperação

Ao analisar a figura 2 verifica-se que, dos animais que deram entrada no centro, 44% foram devolvidos à natureza em condições para sobreviverem, 7% foram declarados irrecuperáveis e encaminhados para alguns centros de educação ambiental, dois indivíduos (1%) foram transferidos para o Centro de Recuperação de Animais Selvagens do Parque Ecológico de Monsanto (CRASPEM) para serem submetidos a cirurgias. Note-se que dos 44% de mortos, 4 indivíduos deram entrada no centro já cadáver.

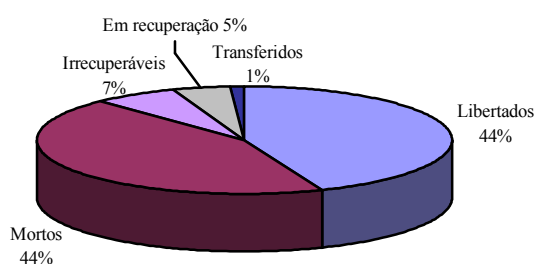
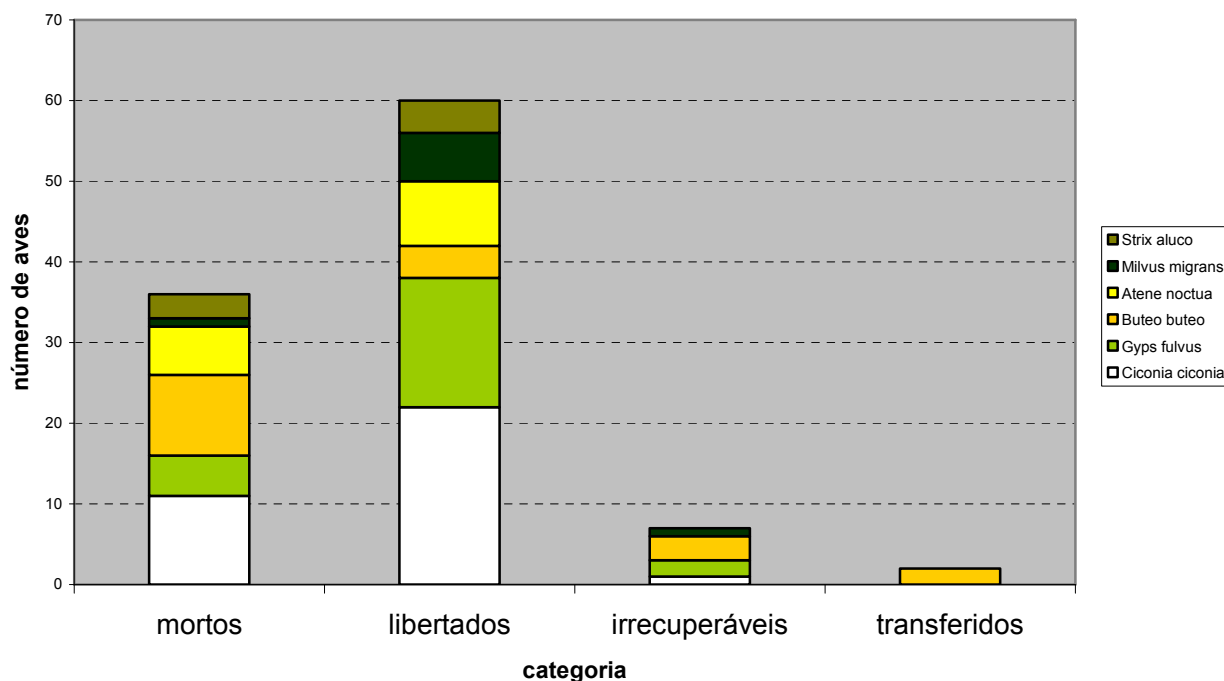


Fig. 2- Resultados da recuperação.

No que diz respeito aos resultados da recuperação fizemos uma análise para seis espécies com maior número de entradas no centro (ver figura 3). As elevadas mortalidades para a Águia de asa redonda estão relacionadas com a gravidade das lesões causadas por tiro e electrocussão. Destaca-se também o número de animais irrecuperáveis

desta espécie, que estão relacionados com o cativeiro ilegal que provocando “impregnação” tornam estes animais irrecuperáveis. Para a Cegonha Branca são os traumatismos causados pelas colisões que tornam difícil a sua recuperação. Para o Grifo são os episódios de envenenamento os mais difíceis de recuperar. Ao nível do sucesso de recuperação, são a cegonha Branca e o Grifo que se destacam, devido em parte ao tipo de causa de entrada (queda do ninho, causas naturais) que facilitam a sua recuperação.

### resultados da recuperação das espécies mais frequentes



## 8. Formação

Com o intuito de melhorar os serviços prestados aos animais que são entregues no CERAS, ao longo do ano de 2004 foi desenvolvido um curso de formação dirigido a todos os voluntários e entidades colaboradoras do centro que contou com a presença de cerca de 40 formandos.



Fig. 10- Acção de formação para voluntários e entidades colaboradoras.

## 9. Educação ambiental

Desde o início da sua existência que o CERAS tenta sensibilizar e consciencializar a população local quanto à importância e características das diversas espécies de fauna existentes na região.

Ao longo do ano de 2004 foram desenvolvidas diversas acções de educação ambiental essencialmente acompanhando as libertações dos animais recuperados no centro. Estas acções foram dirigidas a jovens dos distritos de Castelo Branco e Portalegre, com idades compreendidas entre os 3 e os 30 anos.



Fig. 11- Libertação de abutre-negro, Idanha-a-Nova, Março de 2004.

É de salientar a comemoração da Semana da Floresta, uma vez que se desenvolveu uma série de actividades, em Portalegre, colaborando com o Parque Natural da Serra de S. Mamede, com a participação de 788 crianças das escolas do concelho e em Castelo Branco, colaborando com a Escola Superior Agrária de Castelo Branco estiveram envolvidas cerca de 60 crianças.

Tabela 2- Escolas/entidades participantes nas acções de educação ambiental do CERAS.

Data	Número de alunos/jovens	Escola/Entidade	Local
6 de Fevereiro	15	Infantário nº 2 da Quinta das Violetas	Salvaterra do Extremo
2 de Março	17	Escola primária de Sobral do Campo	Cafede
4 de Março	18	Escola primária de Idanha-a-Nova	Idanha-a-Nova
18 e 19 de Março	788	Escolas do concelho de Portalegre	Portalegre
25 de Março	5	Escola primária de Salvaterra do Extremo	Salvaterra do Extremo
24 de Junho	28	Infantário nº 2 da Quinta das Violetas	Castelo Branco
2 de Julho	15	Jardim-de-infância Arco-íris.	Castelo Branco
5 de Julho	5	Finalistas das Olimpíadas do Ambiente da Quercus	Castelo Branco
6 de Julho	12	Alunos do curso de Vigilantes da Natureza de Fronteira	Fronteira
14 de Outubro	10	Escola Superior Agrária de Castelo Branco	Castelo Branco

## 10. Parcerias com outros projectos

O papel dos centros de recuperação deverá ir para além da recuperação dos animais debilitados que aí se encontram.

Desde o início do seu funcionamento que o CERAS tem estabelecido parcerias com outras entidades e tem participado noutros projectos com o objectivo de contribuir para a investigação aplicada à conservação da natureza.

Em 2004 continuamos a colaborar com as seguintes entidades:

- Museu Bocage de Ornitologia (Faculdade de Ciências de Lisboa) - para este museu foram enviados cadáveres de espécimes de animais que irão enriquecer o espólio deste museu.
- Osteoteca do Instituto Português de Arqueologia (I.P.A.) - têm sido enviados inúmeros cadáveres para completar a colecção de referência deste instituto.
- Banco de tecidos de vertebrados do ICN- Parque Nacional da Peneda-Gerês- foram enviados amostras de tecidos e cadáveres de aves e mamíferos para este banco de tecidos.
- Programa Antídoto Portugal- No âmbito deste programa foram encaminhados cadáveres de fauna com suspeitas de envenenamento para o CERAS, onde se procedeu a necropsia e recolha de amostras para posterior envio para laboratórios, com objectivo de proceder ao despiste de tóxicos.



- Faculdades de Veterinária de Lisboa - foram recolhidas amostras para a FMVL (Faculdade de Veterinária de Lisboa) para a despistagem de triquina (*Triquinella spiralis*) no âmbito de projecto de investigação.
- Projecto Linhas eléctricas - No âmbito de um projecto conjunto entre a QUERCUS/SPEA/ICN/EDP que pretende avaliar o impacto de linhas eléctricas na avifauna em Portugal e promover medidas de minimização e correcção, o CERAS entra com uma componente de apoio as necrópsias dos animais recolhidos e de peritagem na identificação dos espécimes recolhidos. Fazendo também a ponte com o I.P.A..

## **11. Referências Bibliográficas**

Brandão,R., e tal., 2003, I Relatório técnico do Programa Antídoto Portugal

Livro Vermelho dos Vertebrados, 2004 (em revisão). Lisboa ICN

Infante,S.,Neves,J., e Ministro, J.- Estudo do impacte das linhas eléctricas na avifauna relatório final Castelo Branco, 2005. Quercus&SPEA

## Anexo I

Tab. 3: Lista de espécies que deram entrada no CERAS durante o ano de 2004. As espécies estão ordenadas por número de entradas, separando-se as aves dos mamíferos e dos répteis. EN- em perigo (endangered); VU- vulnerável (vulnerable); NT- quase ameaçado (near threat); LC-pouco preocupante (least concern); DD- informação insuficiente (data deficient).

Nome científico	Nome comum	Nº. de animais	Estatuto de conservação em Portugal
<b>Aves</b>			
<i>Ciconia ciconia</i>	Cegonha branca	34	LC
<i>Gyps fulvus</i>	Grifo	23	VU
<i>Buteo buteo</i>	Águia-de-asa-redonda	19	LC
<i>Athene noctua</i>	Mocho-galego	16	LC
<i>Milvus migrans</i>	Milhafre-negro	7	LC
<i>Strix aluco</i>	Coruja-do-mato	7	LC
<i>Bubo bubo</i>	Bufo-real	6	VU
<i>Falco tinnunculus</i>	Peneireiro-vulgar	6	LC
<i>Tyto alba</i>	Coruja-das-torres	5	LC
<i>Aegypius monachus</i>	Abutre-negro	4	EN
<i>Hieraaetus pennatus</i>	Águia-calçada	5	NT
<i>Accipiter gentilis</i>	Açor	3	VU
<i>Apus apus</i>	Andorinhão-preto	3	LC
<i>Elanus caeruleus</i>	Peneireiro-cinzento	3	NT
<i>Merops apiaster</i>	Abelharuco	3	LC
<i>Ardea cinérea</i>	Garça-real	2	LC
<i>Asio otus</i>	Bufo-pequeno	2	DD
<i>Turdus merula</i>	Melro-preto	2	LC
<i>Vanellus vanellus</i>	Abibe	2	LC
<i>Ardea purpúrea</i>	Garça-vermelha	1	EN
<i>Burhinus oedicephalus</i>	Alcaravão	1	VU
<i>Corvus corone corone</i>	Gralha-preta	1	LC
<i>Corvus monedula</i>	Gralha-de-nuca-cinzenta	1	LC
<i>Cuculus canorus</i>	Cuco-canoro	1	LC
<i>Delichon urbica</i>	Andorinha-dos-beirais	1	LC
<i>Falco naumanni</i>	Peneireiro-das-torres	1	LC
<i>Hieraaetus fasciatus</i>	Águia-de-Bonelli	1	EN
<i>Motacilla alba alba</i>	Alvéola-branca-comum	1	LC
<i>Pica pica</i>	Pega-rabuda	1	LC
<i>Streptopelia turtur</i>	Rola-comum	1	LC
<i>Sturnus unicolor</i>	Estorninho-preto	1	LC
<i>Tachybaptus ruficollis</i>	Mergulhão-pequeno	1	LC
<i>Turdus philomelos</i>	Tordo-comum	1	LC
<b>Mamíferos</b>			
<i>Vulpes vulpes</i>	Raposa	4	LC
<i>Meles meles</i>	Texugo	2	LC
<i>Martes foina</i>	Fuinha	1	LC
<b>Répteis</b>			
<i>Mauremys leprosa</i>	Cágado	1	LC
<b>TOTAL</b>		<b>182</b>	



# FOTOGRAFIAS



Foto 1 – Visita do Exmo. Sr. . Presidente da Republica Dr. Jorge Sampaio ao CERAS



Foto 2 – Curso de primeiros socorros a fauna selvagem



Fotos 3 e 4 – Em cima à esq. Abutre do Egípto em tratamento, em cima à direita texugo num recinto em recuperação.



Foto 5 – Exame clínico a um Abutre Negro



Foto 6 – Libertação de uma Abutre Negro Internacional

no Tejo



Foto 7 – Pormenor da asa de uma Gralha de nuca cinzenta amputada, para a manter em cativeiro



Foto 8 – Geneta capturada numa armadilha

Ilegal.



Fotos 9 e 10 – Acções de educação Ambiental em libertações de fauna, em cima à esquerda na Escola Superior Agrária de C. Branco e em cima à direita no alimentador de abutres no Tejo Internacional.



Foto 11- Acção de formação para agentes do SEPNA



Foto 12 –Acção de sensibilização com a RTP